

A IMPORTÂNCIA DO LEGADO DE PAULO FREIRE PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO COM PROFESSORES

Elisabeth Jesus de Souza¹¹

Márcia Ely Bazhuni Pombo Lemos²²

Resumo

Este artigo tem por objetivo dialogar sobre a importância do legado de Paulo Freire, na formação como ação continuada com professores, no e do cotidiano escolar destes, através de algumas leituras da obra de Freire e as experiências teóricas — práticas das autoras. A intenção é uma leitura que abra espaço para reflexão e partilha do legado.

Palavras chave: Paulo Freire - Formação como ação continuada - Diálogo – experiências práticas - teóricas

Introdução

“como alguém que amou profundamente o mundo, os animais, as árvores e a vida”. E questiona-se: “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”. (FREIRE)

A citação acima abre nosso artigo, e já aponta sobre o que nos comprometemos conversar, se não a respeito do diálogo e da importância no processo, vida e formação. Paulo Freire aparece em pesquisas sobre a Formação de Professores e é um dos autores que possui extensa bibliografia sobre o assunto. No ano de seu Centenário gostaria de conversar sobre o

¹ Professora da Educação Básica da Rede Pública Municipal de Nova Venécia – ES.

² Professora da Educação Básica da Rede Pública Municipal de Niterói- RJ . Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF

assunto, pois, entendemos sua relevância e, porque não dizer, estamos em formação em nosso cotidiano de trabalho e em nossas experiências como sujeito no mundo em

movimento. Com a perspectiva dialógica e crítica baseada na visão emancipatória e de transformação da sociedade (Freire, 1987) problematizamos a Formação de Professores influência diretamente o processo dos sujeitos no que diz respeito a sua postura em relação ao coletivo.

Os conceitos em Freire que destacamos aqui são para nós os que mais se aproximam de nossos objetivos enquanto professores em formação e formadores de outros professores, na perspectiva do coletivo e do diálogo. Esses conceitos, autonomia, liberdade e reflexão crítica, juntos nos fazem manter a esperança que podemos transformar as ações que lançamos na vida para com os outros. Neste sentido, proporcionar ao professor a possibilidade de pensar criticamente a sociedade, e levantar questões que o ajudem a compreender seus estudantes em situação de vulnerabilidades nos amplia a prática para o olhar da humanização que Paulo Freire traz em suas escritas.

O professor – estudante – comunidade é um tripé que não se pode deixar de lado, e que precisa de equilíbrio para manter uma comunicação que impulsionem os sujeitos às práticas que colaborem na sociedade. Ou seja, estamos falando de um processo de formação humana mais do que formação de conteúdo. Questionar o processo de formação com o qual nos deparamos, nos impõe uma responsabilidade e uma perspectiva reflexiva crítica de quem somos nós, quais nossos objetivos, que profissionais desejam ser, e nossa preocupação não fica restrita apenas a nós, mas com o outro. Nos diz Freire:

“jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos e os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual” (Freire 1997, p. 164/165)

Assim, Freire vai nos afirmando a importância da amorosidade frente ao ato de educar, de que o ofício de professor é algo de tamanha importância, pois, significa passar para o outro as possibilidades de ser, de se tornar o que desejar e lutar por uma sociedade mais igualitária. Freire nos estimula ao vigor pela vida, pelos vulneráveis, como podemos agir diante da dor do outro. Nós enquanto professoras – pesquisadoras da Educação Básica da rede municipal pública que lidamos e convivemos com a educação de classe popular, como contribuir, como agir diante das dificuldades que vivem no cotidiano nossas crianças. Ele nos diz sobre a dor do outro, quando se deparou em favela, o seguinte:

Que fazer enquanto educadores, trabalhando num contexto assim? Há mesmo o que fazer? Como fazer? O que fazer? O que precisamos nós, os chamados educadores saber para viabilizar até mesmo os nossos primeiros encontros com mulheres, homens, e crianças cuja humanidade vem sendo negada e traída, cuja existência tem sido negada? (Freire, 1996, p.82-83).

E desta maneira procuramos a Formação de Professores como tema sempre novo, mesmo que não seja, no sentido de não perdemos a esperança de relações entre nós professoras e pesquisadoras sejam de colaboração com nossos professores os quais estaríamos oferecendo a Formação. Que esse lugar de professor formador seja o lugar flexível onde estejamos em movimento de aprender junto.

É também Freire que, por exemplo, na “Pedagogia da Autonomia” declara que jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos e os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual” (Freire 1997, p. 164/165).

Portanto, Freire nos diz que sobre a importância do cotidiano do professor e o quão importante o diálogo entre a amorosidade e o rigor

necessário para a prática desse cotidiano do professor, bem como, a disciplina necessária para tal fato. Entendemos que a Formação não é um assunto novo, nem tampouco desejamos trazer essa pauta como nova, mas sua relevância é cada vez mais notória em nossa experiência de professora - pesquisadora. Os professores do cotidiano da escola anseiam por essas Formações na medida em que ao sair da graduação e assumir uma classe de escola pública, em contato com as diversas realidades que as crianças apresentam, é um desafio que não termina pelo fato de iniciar o trabalho, pelo contrário a diversidade que essas crianças apresentam é infinitamente maior do que o ensino apresentando na graduação, o que não retira sua importância.

O que apresentamos é dizer que a graduação é o pontapé inicial para a busca de leituras que dialoguem com nossos desafios surgidos em nossas práticas e que não se esgota nas Formações, porém, com elas é que podemos ter a hipótese de gerar aprendizagens que nos possibilitem compreender o universo composto pelas diversidades das crianças e suas famílias.

Sem falar que as Formações em seus momentos proporcionam integração com as pessoas, com as equipes das instituições e o processo de compartilhar experiências produz discussões no sentido de conduzir o trabalho para um diálogo entre os participantes

Neste sentido, podemos pensar a respeito da importância da autonomia do professor para que o mesmo possa produzir em suas práticas, ações que acredite ser a melhor para aquele grupo de crianças e que o coletivo venha a ser a palavra de decisão para o trabalho. Ainda gerar reflexões por meio do diálogo torna-se necessário.

Nos diz Freire (2005):

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2007, p. 91).

Neste íterim, seguimos com o texto que comentaremos essa relação do diálogo com as ideias que surgem junto aos sujeitos, e não meramente ato de depósito das ideias.

O DIÁLOGO COMO FERRAMENTA NA EDUCAÇÃO

O diálogo ainda é um dos vieses mais importante ao falarmos de uma educação libertadora, transformadora. Uma relação sem diálogo é uma possível relação destinada ao fracasso, ao insucesso, sem o qual a convivência com o outro pode torna-se apenas suportável. Quando falamos de educação o princípio adotado é o mesmo. A questão dialógica deve ser parte estratégica do professor, do educador atuante, devendo fazer parte de sua prática docente na convivência com o educando, familiares e comunidade. Não é possível falar de uma educação libertadora, de uma educação do ponto de vista de Paulo Freire sem essa interação dialógica.

O diálogo é o mediador entre a fala e a escuta. Quando não somente sugerimos, mas na prática, em nossas ações, firmamos uma aliança entre a pedagogia social e o legado deixado pelo patrono da educação brasileira, Paulo Freire, trazemos o diálogo como parte dessa conciliação. Ter Freire como inspiração no processo de construção de uma pedagogia social sólida e reconhecível perante a educação é de grande responsabilidade.

Assim:

No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sine qua da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. (...) É preciso, porém que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer (FREIRE, 2011, p. 114).

A escuta é uma construção, uma construção entre o eu e o outro. O silêncio como disciplina nesse processo, deve ser algo contínuo e diário; não como repressão, mas pelo contrário, como parte de um colóquio, conversa, uma forma de promoção a independência, a autonomia, um direito uma concessão de quem está com a palavra a quem deseja e precisa falar. Ainda que esse desejo e necessidade sejam involuntários.

O respeito traz comigo educadora a consideração que tenho pelo educando, pelo que fala comigo, que comigo, interage. Sem essa mútua interação a educação deixa de ser encantadora, graciosa, assumindo a desilusão, o desapontamento. A dialogicidade é também uma forma de respeito ao educando, de cumplicidade com meu dever, uma forma de estar racionalmente.

Seguida do respeito, a percepção é um dom, mas é também um exercício. Quando discutimos os aspectos incorporados na citação acima, devemos lembrar quem somos, o que representamos para aquele que conosco, comunga, compartilha. A percepção entra para ampliação dessa relação aluno professor. Um educador dialógico buscar também a perceptividade, tenta entender não somente a necessidade do seu educando, mas também descobrir sua potencialidade, suas curiosidades, motivações seus saberes. Isso acontece em meio ao diálogo, quando dou a voz. Essa voz não se expressa apenas pela fala, sua maneira de se incorporar é múltipla.

Então o querer bem ao educando estará igualmente correlacionado a minha prática educativa e dialógica.

Logo:

Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 2011, P. 138).

Sim, sim a afetividade, a amorosidade não se desvinculam do meu compromisso com a educação, com o educando presente na sala de aula. Não devemos confundir a ação de ser afetuoso e amoroso com a desobrigação de educar. Quando permeada por tais sentidos, como ser humano afetuoso, posso compadecer-me, sentir e lutar por todos eles, aqueles que com suas peculiaridades se achegam a mim.

Freire traz isso enfaticamente em suas obras, e deseja que nós professores percebamos e construamos esse elo entre nós e o educando. Essa ponte que liga o que falo ao que faço rompe com a dicotomia que vemos entre a teoria e prática educativa ao longo da história da educação brasileira, principalmente. Embora haja uma luta já travada por muitos profissionais da educação, essa ponte ainda precisa de mais construtores.

Para o autor citado, se há separação entre o compromisso sério com a educação e a afetividade, isso é não verdadeiro. Podemos perceber que a afetividade com o educando e a seriedade com o fazer pedagógico andam na mesma direção, são pares. Eles conversam entre si, não havendo distanciamento, mas mutualidade.

Portanto:

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 1979, P.15).

Um educador consciente é um aberto ao diálogo. Não posso falar de uma educação consciente e libertária sem que, na prática, permita o diálogo. Assim como a conscientização, o diálogo é um ato, ação. É no diálogo, conforme, entendemos ao adotar o autor Paulo Freire como um dos caminhos

a percorrer em busca de uma prática educativa inclusiva e construtiva, que rompemos com os preconceitos.

Esse modo de romper com as barreiras historicamente construídas, a partir de determinados pensamentos, constitui não somente para o educando, ainda assim também para nós fazedores desse bem, um fazer libertário. Uma parceria contínua e permanente que vai nos enveredando na esperança de que a transformação no contexto escolar de crianças, adolescentes, jovens e adultos é possível. Essa possibilidade está inevitavelmente relacionada a disponibilidade que temos de permitir o diálogo.

Por isso:

As dificuldades maiores ou menores impostas pela estrutura ao quefazer dialógico não justificam o antidiálogo, do qual a invasão cultural é uma conseqüência. Quaisquer que sejam as dificuldades, aqueles que estão com o homem, com a sua causa, com a sua libertação, não podem ser antidialógicos (FREIRE, 1983, p. 33).

Fica claro, segundo a citação, que as dificuldades, independente do seu grau não, justificam a ausência do diálogo ou a sua negação. A invasão cultural aqui é vista e apontada como conseqüência da falta de diálogo. Estupidamente não são raras às vezes em que cometemos esse ato ilegal, indesejável, simplesmente pela nossa ignorância e atitude antidialógica.

Se estou com a causa tenho uma missão: a da liberdade dialógica. Talvez tenha que criar esta palavra, na intenção de internalizá-la e torná-la mais compreensível, mais real, diante da necessidade urgente e da responsabilidade com me vejo face a esta incumbência. Liberdade e dialogicidade, nesse contexto se complementam; não devendo haver distância entre um e outro.

Considerações finais

Não é possível falar de uma educação libertadora, de uma educação do ponto de vista de Paulo Freire sem a interação dialógica. Embora, tenhamos muitas experiências na área de educação, no cotidiano escolar, nós, autoras não a contamos aqui de forma direta. Foi a partir delas, dessas experiências

vivenciadas e da leitura constante das obras de Paulo Freire que desenvolvemos este trabalho. Ao contrário do que muitos pensam, suas obras não são de fáceis compreensões; por isso nos dedicamos a leituras cautelosas e detalhadas delas. Somente dialogando constantemente com a prática é possível se aproximar dessa compreensão. Com a perspectiva dialógica e crítica, baseada na visão

emancipatória e de transformação da sociedade, Freire possibilita ao professor pensar criticamente. Sem a dialogicidade a educação perde seu encanto, sua graça. Se permito o diálogo declara assim que respeito o educando. Como estratégia do professor, o diálogo precisa está em pauta no relacionamento diário com o educando. O diálogo traz flexibilidade e rompe com as diferenças e as indiferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. Pedagogia do oprimido. 26.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

_____. Medo e ousadia. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. Pedagogia da autonomia. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire . São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. Extensão ou comunicação. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.